

O ENSINO DA TÁTICA E DA ESTRATÉGIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NA PROPOSTA CRÍTICO SUPERADORA.

TEACHING TACTICS AND STRATEGY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: PEDAGOGICAL POSSIBILITIES IN OVERCOMING CRITICAL PROPOSAL.

Murilo da Silva Citadin¹

Bruno Dandolini Colombo²

RESUMO

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, objetivou-se analisar as possibilidades de como se organiza o ensino da tática e da estratégia, numa perspectiva crítico superadora, nos anos finais do ensino fundamental. Pretendíamos identificar o conteúdo de tática e estratégia compreendendo formas de tratá-lo nas aulas de Educação Física escolar. Identificamos que o ensino dos esportes coletivos nessa perspectiva desenvolve a autonomia do aluno, a partir do trato do conhecimento organizado e sistematizado pelo professor, a fim de que, os alunos percebam e criem ações opositivas intencionais para o jogo em questão, fomentando o desenvolvimento do pensamento analítico-sincrético. Dessa forma, conseqüentemente, o aluno adquire um conhecimento mais amplo sobre o jogo, modulando a compreensão das relações de ataque e defesa e propondo um entendimento dos limites e possibilidades das regras, de forma mais avançada, assim como, evoluindo na compreensão do domínio de espaço.

Palavras-chave: Crítico-Superadora. Tática. Estratégia. Ensino. Metodologia.

ABSTRACT

Through a bibliographic research, the objective was to analyze the possibilities of how the teaching of tactics and strategy is organized, in a critical overcoming perspective, in the final years of elementary school. We intended to identify the content of tactics and strategies, understanding ways to treat them in school Physical Education classes. We identified that the teaching of team sports in this perspective develops the student's autonomy, from the treatment of knowledge organized and systematized by the teacher, so that the students perceive and create intentional oppositional actions for the game in question, fostering the development of the analytical-syncretic thinking. In this way, consequently, the student acquires a broader knowledge about the game, modulating the understanding of the attack and defense relationships and proposing an understanding of the limits and possibilities of the rules, in a more advanced way, as well as, evolving in the understanding of the domain of space.

Keywords: Critical-Overcoming. Tactic. Strategy. Teaching. Methodology.

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: muriloscitadin@hotmail.com

² Mestre em educação. Professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: bruno@unes.net

1. INTRODUÇÃO

Durante a vida escolar nas aulas de Educação Física e profissional, no trabalho de auxiliar educacional, como também, nos estágios supervisionados na formação inicial, convivemos com alguns professores de Educação Física. Observando suas atuações, percebemos que nos jogos e esportes tratados por eles, a tática e a estratégia apareciam de maneira superficial. Em alguns momentos observados, os professores demonstraram aos alunos as formações táticas mais usadas em cada esporte e os orientavam durante as aulas práticas a *copiar* essas formações, sem que eles compreendessem o porquê aquela tática era a mais usada, ou seja, o aluno reproduzia o que estava colocado a ele sem uma visão crítica sobre o assunto. Em outros momentos, em jogos coletivos pré-desportivos, como o pique bandeira, era apenas posto aos alunos, para que esses jogassem, sem a reflexão sobre o jogo. De maneira nenhuma estamos aqui culpando os professores observados e sim descrevendo o que foi analisado, em vista que, cada professor tem seu objetivo na aula e sua concepção pedagógica.

Após observar os fatores acima surgiu a necessidade de escrever um trabalho que apresente, minimamente, uma forma de tratar os conteúdos de maneira crítica, dando ênfase ao ensino da tática e da estratégia. Julgamos ser de fundamental importância na formação dos alunos essa temática, em vista que, na escola o aluno aprende sobre a sua cultura e história com um trato científico. Como não tratar de algo que foi tão relevante em nossa história como o complexo tático e estratégico? Este que é fruto das relações sociais, perpassou vários momentos da história e hoje está presente em diversos âmbitos da sociedade.

Sendo assim, este trabalho tem o *objetivo* de apresentar princípios didático-metodológicos para o trato do conhecimento nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental. Para isto, a perspectiva adotada por nós é a crítico superadora, iniciada no Coletivo de Autores (1992), que, em nossa visão, é a que melhor contribui para o desenvolvimento pleno do ser humano. Partimos do pressuposto que o sujeito se humaniza a medida que usufrui e produz capacidades humano-genéricas (NASCIMENTO, 2014). Dois textos foram os principais balizadores de nossa pesquisa: *A atividade pedagógica da Educação Física*, escrita por Nascimento (2014) e a tese intitulada *O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte*, escrito por Euzébio (2017). Ambas as teses destacam a importância da tática e da estratégia como conhecimento humano.

Portanto, nosso problema de pesquisa é: como se organiza o ensino da tática e da estratégia, numa perspectiva crítico superadora, nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental?

Para respondermos este problema estabelecemos alguns objetivos. Como objetivo geral este artigo busca analisar as possibilidades de organização do ensino da tática e da estratégia, numa perspectiva crítico superadora, nos anos finais do ensino fundamental. E como objetivos específicos pretendemos: identificar o conteúdo de tática e estratégia compreendendo formas de tratá-las nas aulas de Educação Física escolar; apresentar indicativos teórico-metodológicos do ensino do *jogo coletivo* nas aulas de Educação Física escolar no segundo e terceiro ciclos de escolarização na proposta crítico superadora.

Para respondermos a problemática do estudo e alcançarmos os objetivos propostos, faremos uma pesquisa bibliográfica, centralizada nos debates acerca do ensino da Educação Física que aborda os conceitos táticos e estratégicos dos conteúdos numa concepção crítico superadora, por meio da análise e síntese de livros, artigos, dissertações e teses.

Este artigo está organizado em dois subcapítulos. O primeiro subcapítulo é sobre o ensino da tática e da estratégia, que aborda dados dos estudos de vários autores que se dispuseram a tratar este conteúdo em seus trabalhos com uma abordagem, na qual, nos embasamos. No segundo subcapítulo iremos discorrer sobre os indicativos teórico-metodológicos do ensino do jogo coletivo nas aulas de Educação Física escolar no segundo e terceiro ciclo de escolarização na proposta crítico superadora. Neste último subcapítulo pretendemos dar ênfase em como pode ser tratado este conteúdo nas aulas de Educação Física, de modo que, impulsionem aportes qualitativos nas funções psicológicas superiores. Compreendemos que os conteúdos teóricos da tática e da estratégia são de grande valia para esse desenvolvimento dos alunos.

2. ENSINO DA TÁTICA E DA ESTRATÉGIA: DIÁLOGO NECESSÁRIO

A tática e a estratégia são usadas desde a época do homem caçador, mesmo de maneira inconsciente, para obter seu alimento. Durante o período histórico a humanidade foi se apropriando ainda mais desses termos e aprimorando para diversos cenários da vida em sociedade, como a guerra, trabalho, administração e os esportes. (EUZÉBIO, 2017).

Mas o que seria tática e estratégia? Muitos autores se dispuseram a conceituar esses termos, mas ficaremos com o conceito de Euzébio (2017, p. 209):

Entendemos a estratégia como a atividade que estabelece, a partir de uma análise ampla, um plano de ações, decalcado das alternativas possíveis, que procura constituir vantagens em direção aos objetivos pretendidos. A tática é, então, o conjunto de

operações, conscientemente orientadas a resolução dos problemas imediatos, demandados por este contexto de confrontação.

Pensar tática e estratégia é planejar através de análise e síntese. Esse planejamento pode acontecer contra um adversário ou concorrente ou se não for o caso, pode mirar um objetivo ao qual se quer alcançar. A estratégia no esporte é a chave que permitirá adquirir uma vantagem efetiva. Para isso necessita de uma leitura dos pontos fortes e fracos da nossa equipe e do oponente, bem como *colocar as pessoas certas nos lugares certos* fazendo o que foi planejado no momento certo. (EUZÉBIO, 2017).

Nem sempre os planejamentos atingem o sucesso, em vista que, tem alguns fatores determinantes como a interpretação do cenário, mudança de conjuntura, ou algum acontecimento inusitado. Em alguns casos quando se há um concorrente, como nos esportes coletivos, pode ser que a equipe *fez tudo certo*, todavia, a equipe adversária teve uma estratégia ainda mais consistente e colocou em prática de forma mais coesa, assim, sendo superior durante o jogo. Vemos aqui que a tática e a estratégia dependem dos diversos cenários que aparecem durante o planejamento e sua operação. (EUZÉBIO, 2017).

Dentro da tática e da estratégia existem alguns conteúdos importantes a serem tratados para desenvolver um plano de jogo. Antes de tudo deve-se ter (1) *informação* sobre o seu adversário ou objetivo, para assim, poder planejar de forma mais clara possível. Outra análise a ser feita é a (2) *correlação de forças* entre você e seu adversário. Para saber como agir é importante esse conteúdo para perceber suas opções de ataque e defesa reconhecendo, assim e de forma articulada, os (3) *pontos fortes e fracos* seu e de seu adversário. Outro fator importante é a (4) *relação ataque/defesa* condicionada pela correlação de forças. Enquanto o ataque é o momento de conquista, a defesa é o momento de conservação de força, espaço e posição. Essa dinâmica tem que acontecer de forma coesa e é essencial para o conjunto tático-estratégico. A (5) *concentração de força* é perceber onde se tem vantagem e dar ênfase a esse espaço para obter vantagem. Então neste espaço se (6) *busca a superioridade* primeiro *relativa* e depois *absoluta*. O esporte é o que estamos tratando prioritariamente neste trabalho, mas serve para outros cenários como a guerra. Não é algo como dito anteriormente fixo, então não é só aplicar estes aspectos citados acima e ter êxito. Outro fator importante e que faz total diferença para conseguir superar o adversário é a (7) *dissimulação* (truque ou blefe). Trata-se de enganar o adversário ou atacá-lo em um momento surpresa, de modo que ele não estaria esperando por aquilo. O (8) *controle dos espaços* também é um fator importante para obter vantagem, visto que, há espaços mais favoráveis que outros e isto depende de cada cenário. O (9) *ritmo de*

execução é essencial, visto que as oportunidades nem sempre aparecem facilmente e quando aparecem se não forem aproveitadas podem ocorrer o fracasso de todo o planejamento. Há uma tendência da prática social, orientada pela divisão do trabalho, em direção à (10) *especialização*. Quanto mais avançada (no sentido de socialmente estabelecida) a atividade humana, mais especialização é demandada. A (11) *diferenciação* encontra-se em relação ontológica com a especialização. A combustão interna da especialização é fazer cada vez melhor e pode operar a relação dialética quantidade e qualidade. De tanto fazer melhor uma coisa, transforma-se essa coisa em outra. A (12) *modelagem* é conteúdo quase exclusivo da estratégia, dado sua característica de ser uma síntese da utilização das táticas para intencionalmente impactar a orientação estratégica adversária. A modelagem pretende selecionar o momento, o local, as condições e as relações especiais a se utilizar no confronto. Ela procura atacar a estratégia adversária, o que solicita qualidade nas informações, capacidade de análise, previsão e em muitos casos, astúcia na execução. Na modelagem se coloca o exercício de pensar uma estratégia para o adversário a partir do adversário – o que se apresenta diferente de pensar uma estratégia para o adversário a partir da minha posição. (EUZÉBIO, 2017).

Visando o desenvolvimento pleno do sujeito e tendo em vista que esse desenvolvimento ocorre a partir das funções psíquicas superiores, na apropriação do conteúdo teórico, o trato do conhecimento com uma abordagem tática-estratégica, pode impactar no desenvolvimento do pensamento analítico-sintético do sujeito. Este, conseqüentemente, terá que ter um *conhecimento total* do jogo, modulando a compreensão das relações de ataque e defesa e propondo um entendimento dos limites e possibilidades das regras de forma mais avançada. (EUZÉBIO, 2017).

Em atividades lúdicas se exige muito dos alunos, em vista que, ele deverá ter um alto número de atos voluntários imediatos. Como nos diversos tipos de pega-pega que terá que tomar decisões diferentes em um curto espaço de tempo dependendo das situações postas a ele. Isso desenvolve a observação, concentração e a velocidade de raciocínio para criar as possibilidades táticas mais precisas para aquele momento específico. Com a prática, a dificuldade vai sendo reduzida, uma vez que, o indivíduo já fez uma análise dos pontos principais da brincadeira enquanto as capacidades e as técnicas intelectuais e motoras vão crescendo e desenvolvendo-se. Esses atos exigem a todo tempo um espírito de decisão e de iniciativa, para que as decisões mentais se possam traduzir em atos e esses atos se tornando cada vez mais autônomos e criativos. (MAHLO s/d).

Essas qualidades de agir melhor e jogar de modo mais autônomo e consciente não surgem de maneira natural no aluno e sim mediadas pelo professor.

A capacidade para agir por si próprio e com bom conhecimento não se forma espontaneamente no jogo. O ensino desportivo, portanto, deve ter como objectivo desenvolver metodicamente o acto e o pensamento táticos. É necessário saber utilizar os pequenos jogos de modo que se desenvolvam as capacidades de pensar e agir, por si sós, num espírito criador, transmitindo-lhes experiências e conhecimentos táticos em vista dos jogos desportivos colectivos que mais tarde praticarão. (MAHLO, s/d, p.161).

Por mais simples que seja a atividade e as soluções como ataque e defesa, ocupação de espaço, os alunos vão se formando com uma percepção e uma análise diferente, mais qualificada, que permite a ele sintetizar maneiras mais efetivas de alcançar o objetivo que está proposto, criando situações de jogo, antecipando ações de colegas e não só que reajam a partir do que foi proposto. (NASCIMENTO, 2014).

Tanto nas *atividades* de jogo como nas de luta, os conhecimentos estratégicos e táticos sintetizados a partir de seus problemas *gerais* servem como *meios* para direcionar o *objeto de atenção e ação* do sujeito-jogador. Esses princípios ou conhecimentos gerais (exemplo: “ocupar racionalmente o espaço de jogo”; ou “buscar criar situações de superioridade numérica”; “controlar a base de apoio do outro” etc.) passam a sintetizar os principais *objetivos da consciência* do sujeito nas situações de Jogo ou Luta a fim de, com eles, criar *ações opositivas intencionais* para cada jogo em questão. Aí reside o papel central do trabalho pedagógico com os *conhecimentos estratégicos* e táticos nas atividades de Jogo e Luta. Aí reside o papel do trabalho com os *conceitos* no ensino das atividades da Cultura Corporal. (NASCIMENTO, 2014, p. 210).

As ações coletivas no jogo exigem um pensamento diferente dos alunos, visto que, é uma ação não só individual, como também, integrada. Todos da equipe têm um objetivo em comum e é necessário o desenvolvimento estratégico e tático para conseguir conquistar o objetivo, de forma que, para o desenvolvimento deste planejamento se alguém não seguir o plano maior e agir de maneira individual pode prejudicar o todo. Cabe ao professor neste momento a intervenção e a reflexão que desenvolve nos alunos o pensamento coletivo para além do jogo, para um movimento de caráter social que visa o agir individual em prol do coletivo. (MAHLO, s/d).

É no período dos anos finais do ensino fundamental que esse conhecimento começa a ser sistematizado, que o aluno vai adquirindo consciência da sua atividade mental e que confronta os dados da realidade com a representação do seu pensamento sobre eles. Neste período o aluno deve começar a compreender as ações coletivas do jogo e do caráter social, uma vez que, as ações táticas e estratégicas são mais complexas que as individuais, assim como,

os jogos. Neste momento o conhecimento teórico dá um salto qualitativo quando o aluno começa a estabelecer generalizações e as amplia. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Deste modo, cabe ao professor empreender esforços na organização do trato com o conhecimento para que o aluno possa cada vez mais se apropriar dos aspectos históricos, políticos e sociológicos que se associam intencionalmente à própria prática da atividade. (NASCIMENTO, 2014).

Ao afirmarmos que a disciplina de Educação Física deve trabalhar com os conhecimentos teóricos e, assim, contribuir para que os estudantes desenvolvam para si os processos teóricos de análise e síntese da realidade, de abstração e generalização teóricas da mesma, não se está negando a forma externa nas quais as ações de ensino e as ações de aprendizagem irão ocorrer. Ressaltar a dimensão teórica do conhecimento como o núcleo dos objetos de ensino da Educação Física (e de qualquer disciplina) não significa, de modo algum, a determinação de uma forma de ensino na qual a prática ou as ações dos estudantes sejam prioritariamente ou mesmo exclusivamente verbais. Lembrando: o teórico significa síntese de múltiplas relações e não o meramente verbal ou o empiricamente abstrato. Por essa razão, o caráter teórico dos objetos de ensino não está nas suas formas externas de manifestação (na declaração de esquemas tático, na leitura de textos ou no estudo de conceitos fisiológicos), mas sim no modo de ação que permita aos sujeitos compreenderem teoricamente essas atividades: agirem considerando as relações essenciais e necessárias que as constituem. (NASCIMENTO, 2014, p. 248)

A autora defende que as relações gerais da Educação Física são (1) a criação de uma imagem artística com as ações corporais, (2) o controle da ação corporal do outro e o (3) domínio da própria ação corporal. É a segunda relação essencial que enfatizaremos neste trabalho, tendo em vista que, é nela, principalmente, que se potencializa os conhecimentos tático-estratégicos na relação ataque-defesa, nas regras, na percepção e análise das situações de jogo. (NASCIMENTO, 2014).

Os conteúdos estratégicos-táticos gerais – *avaliação da correlação de forças, concentração de forças, fluído defesa-ataque, especialização* etc. Precisam ser tratados didático-pedagógicamente para serem apreendidos como conteúdos substâncias e teóricos dos conceitos em questão. O conteúdo teórico, embora impacte a materialidade objetiva, não se manifesta diretamente no objeto, já que sua substancialidade não se manifesta “de portas abertas”, esse é o esforço necessário de ir além daquilo que aparece no objeto. O que é percebido no jogo de voleibol, a expressão fenomênica do voleibol, é o ataque de João vencendo o bloqueio de José. Ao processo de tomada de decisão de Joaquim (levantador) em acionar João, alto e capaz de boas cortadas contra José, muito pequeno, parece (erroneamente), faltar concretude. O sistema 5X1 no voleibol, é decorrência da especialização, mas a apropriação memorizada do sistema não coloca esse conteúdo (especialização) em evidência. Os estudantes podem até mesmo jogar com desenvoltura o voleibol, utilizando o sistema 5X1, sem se darem conta dos nexos envolvidos. Portanto, se faz necessária uma organização dos conteúdos que permita o desvelamento destes nexos, o que aponta que os conteúdos teóricos demandam, para serem assimilados como real substância teórica, de uma estruturação didática que encaminhe a compreensão. (EUZÉBIO, 2017, p. 225).

A tática e a estratégia só se sustentam como conteúdo, nos nexos com as manifestações particulares das relações essenciais das práticas corporais, essas convertidas em objeto pedagógico da Educação Física. Esses conteúdos se ensinados, sem uma metodologia que considere os nexos de sua particularidade com os conteúdos gerais da tática e da estratégia, não ultrapassam a dimensão empírica. Nesse sentido os conteúdos teóricos gerais da tática e da estratégia, permitem o movimento entre o interno e o externo, entre aparência e essência, possibilitando a conversão dos conteúdos empíricos particulares em conteúdos teóricos. Existem diversas outras formas diferentes para tratar os conteúdos e esta é mais uma delas, no qual, consideramos importante, dado que, compreendendo que a manifestação dos conceitos tático-estratégicos orienta, modula, aprofunda, amplia e requalifica os demais conteúdos esportivos, considerar que a negação desses conteúdos, na relação do ensino e aprendizagem, constitui-se um comprometimento das possibilidades de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, neste caso, a partir das aulas de Educação Física. (EUZÉBIO, 2017).

O que está sendo descrito durante todo este trabalho é que o ensino do jogo não pode se dar apenas por identificar as regras, fundamentos e formação tática simplesmente desenhadas e sim pensar nas diversas situações que acontecem no jogo e como fazer para lidar com elas de maneira a se ter êxito nas suas escolhas. Por exemplo: no vôlei a bola no saque cai normalmente no meio da quadra onde muitas vezes tem apenas um aluno para fazer a recepção e que não consegue cobrir todo o espaço, então fazendo com que os alunos percebam isto, fazer com que eles encontrem uma solução tática para resolver essa questão, isso é pensar o jogo. E mostrar para eles que a solução encontrada pelas equipes de rendimento com o passe sendo executado sempre com três jogadores (os dois ponteiros passadores e o líbero), é a mais alta construção humana para essa particularidade das práticas corporais e deve ser objetivo das aulas, que os alunos consigam se apropriar dessa equação, ao mesmo tempo que compreendem como esta foi sendo construída. (EUZÉBIO, 2017).

Para elaborar essa estratégia, os sujeitos precisam ter um conhecimento da lógica do jogo: um conhecimento de suas relações essenciais e necessárias. É preciso conhecer as condições de jogo, condições essas que regulam a disputa entre as equipes e que podem ser sintetizadas na relação entre as forças de ataque e defesa das duas equipes/jogadores envolvidos (os potenciais e limites de cada uma) e o objetivo final de jogo (a meta final: marcar ponto, gol, pegar a bandeira; tirar o adversário do espaço de jogo etc. ou, ainda, a conquista de uma determinada posição em um campeonato etc.). Esse conhecimento das condições de jogo, que depende das possibilidades reais de percepção e análise dessas condições por parte de cada equipe/jogador, passa a agir como uma linha orientadora da equipe. (NASCIMENTO, 2014, p. 219)

O vencer não é o mais importante na visão pedagógica e sim compreender por que alguns vencem mais que outros. Desta forma, a análise da correlação de forças nos processos de ensino na escola não tem o propósito de permitir a orientação estratégica que implicará na seleção e organização das táticas, que culminarão na vitória. A intencionalidade pedagógica, está na capacidade dos estudantes de expressarem a análise das equipes, com as sutilezas que lhe forem alcançáveis, elaborando um quadro síntese que expresse um aprofundamento perceptivo. (EUZÉBIO, 2017).

Poderíamos continuar listando motivos sobre a importância do ensino da tática e da estratégia nas aulas de Educação Física, todavia, acreditamos que com esses dados demonstramos a importância deste conteúdo para impulsionar aportes qualitativos nas funções psíquicas superiores, ou seja, as funções do pensamento e imaginação auxiliando o desenvolvimento do aluno.

3. O ENSINO DO JOGO COLETIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO SEGUNDO E TERCEIRO CICLO DE ESCOLARIZAÇÃO: INDICATIVOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ao decorrer deste artigo discutimos o porquê da importância de sua escrita e da relevância do ensino dos conteúdos por uma abordagem tático-estratégica para o desenvolvimento psíquico dos alunos. Neste subcapítulo iremos de maneira breve discorrer sobre alguns indicativos teórico-metodológicos do ensino do jogo coletivo nas aulas de Educação Física. Há diversas formas de abordar este tema. Nós vamos elucidar, de forma breve, sobre uma dessas formas, na qual, julgamos contribuir para a formação humana dos alunos.

Sendo assim, aqui destacaremos a intencionalidade pedagógica em relação ao ensino do jogo, ou seja, o que queremos que os alunos aprendam quando trabalhamos determinado jogo? Vimos durante nossas experiências na escola que os professores muitas vezes passavam estes mesmos jogos, porém, sem uma intencionalidade pedagógica clara, que os alunos praticavam o *jogo sem pensar o jogo*. Não estamos aqui criticando esses professores, e sim, demonstrando uma possível abordagem na proposta teórico-metodológica crítico-superadora.

Perspectivamos contribuir, de certa forma, com os professores de Educação Física que pretendem tratar o conteúdo tático e estratégico na escola. O pensamento tático e estratégico assenta-se na compreensão acerca da dinâmica de ataque e defesa, do domínio da ação corporal do outro pelo domínio de espaço (enquanto essência do jogo coletivo), das regras, da percepção

e análise das situações de jogo, da criação de linha de passe, da superioridade numérica, dentre outros conteúdos que compõe esse pensamento tático-estratégico.

Para desenvolver nos alunos esse pensamento, acreditamos que os *pequenos jogos* (MAHLO, S.D) ou *jogos situacionais* (KROGER E ROTH, 2006) contribuem significativamente. Estes jogos são, muitas vezes, pré-desportivos vinculados ao alto rendimento. No entanto, acreditamos também, que uma *adequação as possibilidades sócio-cognoscitivas* (COLETIVO DE AUTORES, 1992) atrelada a função social da escola – socializar os conteúdos do patrimônio histórico da humanidade – potencializa a compreensão dos conteúdos táticos e estratégicos dos alunos.

Estes jogos, a nosso ver, carregam um nível de complexidade, no qual, os alunos conseguem se apropriar e progredir nos aspectos tático-estratégicos, obviamente, com a *diretividade* do ensino, realizada pelo professor. Em nossos estudos encontramos esses jogos no livro *Escola da bola: Um ABC para iniciantes*, dos autores Kroger e Roth (2006). Este livro vincula-se, mais diretamente, ao treinamento desportivo, todavia, existem jogos de relevância para a nossa prática pedagógica que adequamos às aulas de Educação Física nos embasando na proposta crítico-superadora, auxiliando na ampliação do conhecimento tático-estratégico. Outro livro que merece destaque é *Acto tático do jogo*, de Mahlo (s/d). O autor trabalha os *pequenos jogos* com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Neste livro tem uma série de jogos que podem ser adaptados para os anos finais do ensino fundamental. Este último segmento, é o nosso foco neste artigo.

Neste trabalho iremos considerar principalmente dois ciclos de escolarização, em vista que, estão vinculados aos anos finais do ensino fundamental. Que será o segundo ciclo de iniciação á sistematização do conhecimento que conforme o Coletivo de Autores (1992, p.35).

O ciclo de iniciação a sistematização do conhecimento. Nele o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, suas possibilidades de abstração, confronta os dados da realidade com as representações do seu pensamento sobre eles. Começa a estabelecer nexos, dependências e relações complexas, representadas no conceito e no real aparente, ou seja, no aparente social. Ele dá um salto qualitativo quando começa a estabelecer generalizações.

E o terceiro ciclo de escolarização que conforme o Coletivo de autores (1992, p. 35).

É o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento. O aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de que uma apreensão mental exige a reconstituição dessa mesma operação na sua imaginação para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade. O aluno dá um salto qualitativo quando reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico, propriedade da teoria.

O Coletivo de Autores (1992) dá indícios *do que trabalhar* nesses jogos em cada ciclo de escolarização, no segundo ciclo, o ciclo de iniciação a sistematização do conhecimento, que corresponde ao 6º e 7º ano dos anos finais do ensino fundamental. A ênfase nesse nível de ensino são em *jogos cujo conteúdo implique jogar tecnicamente e empregar o pensamento tático*. Outro item importante é o tratamento, enquanto professor, de *jogos cujo conteúdo implique o desenvolvimento da capacidade de organizar os próprios jogos e decidir suas regras, entendendo-as e aceitando-as como exigência do coletivo*.

Já no terceiro ciclo de escolarização que é o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento, que corresponde ao 8º e 9º anos dos anos finais do ensino fundamental, destaca-se *jogos cujo conteúdo implique a organização técnico-tática e o julgamento de valores na arbitragem dos mesmos. Jogos cujo conteúdo implique a necessidade do treinamento e da avaliação individual e do grupo para jogar bem tanto técnica quanto taticamente e jogos cujo conteúdo implique a decisão de níveis de sucesso*. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Iremos considerar esses itens do segundo e terceiro ciclos de escolarização para o desenvolvimento dos jogos. No conteúdo de tática e estratégia há conteúdos internos (conteúdos dos conteúdos), de acordo com Euzébio (2017). O autor destaca, como vimos, doze conteúdos internos da tática e da estratégia. Aqui, para nossa análise, iremos dar preferência em três desses conteúdos para serem tratados em um jogo coletivo: (1) *Relação ataque e defesa*; (2) *Superioridade relativa e depois absoluta* e por último, (3) *Controle dos espaços*.

Existem vários jogos coletivos que podemos tratar esses conteúdos. Optamos pelo *jogo dos 10 passes*, por ser um jogo muito comum e tratado frequentemente nas aulas de Educação Física. O jogo consiste em dividir a turma em duas equipes e o objetivo é passar o instrumento de jogo 10 vezes, sem que a equipe oposta intercepte, que saia do espaço de jogo ou, em alguns casos, que o instrumento de jogo atinja o chão. As interceptações acontecem no momento que o instrumento de jogo não está efetivamente com posse do adversário, ou seja, na trajetória do passe e não é permitido que tire o instrumento de jogo quando a equipe oposta está com a posse.

Este jogo necessita de elementos técnicos para sua efetivação. Não há como o jogo ter uma boa fluidez, no sentido coletivo, se os alunos não assimilarem o *gesto técnico* de como lançar o instrumento de jogo. O gesto técnico pode e deve ser tratado a partir do jogo coletivo. Através do entendimento que o gesto técnico tem que ser não só executado e sim pensado para obter uma vantagem, ou seja, no intuito de dominar a ação corporal do outro e o espaço. Sempre

que os alunos jogarem coletivamente refletindo sobre esse domínio, eles praticarão o gesto técnico e, conseqüentemente, será cada vez mais aprimorado.

Normalmente, quando, no processo de iniciação da organização do ensino de um determinado jogo, passamos a explicá-lo e efetivá-lo, os alunos que não estão em posse do instrumento de jogo, não agem de forma coletiva e sim individual, visando o instrumento de jogo e perseguindo jogadores da equipe oposta sem, objetivamente, um plano de jogo. Da mesma forma os alunos que estão com a posse do instrumento de jogo não tem um plano coletivo e apenas passam o instrumento de jogo com o intuito de chegar nos 10 passes. Desse modo pouco atingem o potencial da estrutura do jogo.

Inicialmente o professor tem o papel de problematizar essa organização de jogo dos alunos, questionando: como os alunos estão agindo para ter sucesso na interceptação e como estão agindo para conseguir completar os dez passes? Quais as maneiras de agir coletivamente que possibilitam maior sucesso na atividade?

Essas e outras problematizações têm o intuito de fazer com que o aluno perceba o conteúdo e as relações *de ataque e defesa*, bem como se identifique como um jogador dentro de um coletivo. O aluno não está num simples pega-pega e sim diante de um jogo, no qual, tem uma equipe e uma dinâmica de ataque e defesa posta a ele, que necessita de uma organização tática no espaço de jogo, para obter vantagem. O *confronto e a contraposição de saberes* (COLETIVO DE AUTORES, 1992) é fundamental nesse processo. O aluno expressa, na escola, suas experiências, *fora da escola*, com o conteúdo tratado. Neste movimento pedagógico ele é *confrontado* pelo professor e/ou colegas, com diferentes referências que instigam esse aluno a refletir pedagogicamente e obter novas generalizações, nas quais não estavam postas a ele. Dessa forma, ultrapassa o senso comum e constrói formas mais elaboradas do pensamento.

Após essas problematizações, tendo como objetivo a apropriação qualificada dos conteúdos selecionados, destacamos como prática metodológica o chamado "*planinho*". Este se trata de um momento em que as equipes discutem e refletem, antes e durante os jogos, sobre formas de agir coletivamente, tanto no momento de ataque, quanto no momento de defesa. Assim, as equipes, com orientação do professor, elaboram planos de jogo visando obter sucesso na atividade e superando a equipe oposta. Defendemos que essa prática possa acontecer frequentemente nas aulas, aguçando o estudo dos alunos e estimulando-os a pensarem e a discutirem as propriedades – técnicas, táticas e estratégicas - do jogo.

Algumas problematizações se colocam como importantes diante da dinâmica pedagógica dos *planinhos*, tais quais: em que locais são efetivos quando estão com a posse do

instrumento de jogo e quando perderem o instrumento de jogo como podem agir coletivamente ocupando o espaço de forma mais qualificada, a fim de, se obter vantagem para a recuperação da posse do instrumento de jogo? Dessa forma, fomenta-se os alunos a pensarem sobre a criação de *linhas de passe*³ e *triangulações*⁴, dentre outros formatos de ataque e defesa, que qualifiquem a ação coletiva.

Outro conteúdo que vai surgindo com essas problematizações é a necessidade da compreensão da *superioridade numérica* no ato de jogar. Essa construção não acontece por etapas e sim de maneira espiralada e vai se ampliando no pensamento do aluno, conforme Coletivo de Autores (1992). Esse conteúdo tático pode ser tratado com os alunos a partir dos acontecimentos do jogo. Exemplos: quando há alunos em uma faixa de campo que não demonstra uma vantagem efetiva? Quando os alunos da equipe oposta conseguem efetuar os 10 passes com facilidade? Essas, e outras questões que surgirão no diálogo com os alunos, precisam ser mediadas com a intencionalidade do professor, para que os alunos percebam esses acontecimentos dentro do jogo e pensem em soluções conscientes dentro da equipe.

Para os alunos terem sucesso nas trocas de passes é necessário que no espaço de jogo sempre tenham uma superioridade de jogadores em relação a outra equipe, e assim que, essa superioridade se desfaz é necessário lançar o instrumento de jogo para outra parte do espaço de jogo, rapidamente retomando a *superioridade numérica* e adquirindo vantagem sobre a equipe oposta novamente. Os defensores têm o papel de fechar as linhas de passe e dominar espacialmente o campo, de modo que, o oponente que está de posse do instrumento de jogo fique sem opções de passe.

A *superioridade numérica* pode ser instigada de algumas formas nas aulas, como a adição de *coringas*⁵ no jogo. Esses coringas podem se efetivar nos momentos de ataque ou de defesa. Isso dependerá do que o professor quer trabalhar no momento. É interessante alternar para os alunos pensarem o jogo, tanto com uma superioridade numérica defensiva, quanto ofensiva. Outra forma é, propositalmente, colocar times com menos jogadores e pedirem para

³ São as opções que o jogador que está com posse do instrumento de jogo tem para efetuar o passe. Normalmente algumas linhas de passe são mais efetivas e próximas que outras. Cabe ao jogador com posse do instrumento de jogo decidir qual é a melhor opção para o momento e os companheiros se movimentarem oferecendo a opção para o passe.

⁴ Representa uma ação coordenada entre três jogadores da mesma equipe, em termos motores e cognitivos (técnica/tomada de decisão), visando um objetivo comum. Essa abordagem é definida como um conjunto de funções sincronizadas entre jogadores próximos. Estes pequenos grupos podem interligar jogadores de diferentes setores formando um triângulo em constante interação.

⁵ O coringa alterna-se nas equipes durante o jogo. Ora joga para a equipe A; para a equipe B, dependendo da regra de sua atuação.

desenvolverem planos de jogo, no qual, se utilizem da vantagem para ter sucesso na atividade ou ainda, no caso de quem está em desvantagem, criar uma tática para superar a inferioridade numérica e obter sucesso na ocupação de espaço.

Para se efetivar os planos de jogo desenvolvidos pelos alunos e alcançar a superioridade numérica, os alunos necessitam adquirir o conhecimento de como controlar os espaços. O *controle de espaço* é mais um conteúdo tático que pode ser tratado nas aulas. Pensar o jogo espacialmente é mudar o foco que anteriormente estava no instrumento de jogo para os espaços da quadra. É necessário pensar a qualidade da ocupação dos espaços e ocupá-los intencionalmente, antecipando-se aos movimentos da equipe oposta. Quando a *equipe A* está com o instrumento em mãos, o foco central da *equipe B* não é, somente, o instrumento, e sim, os espaços de jogo, fechando linhas de passe e dominando as zonas mais relevantes, de modo que, a *equipe A* encontre-se sem opções de passe. Força-se assim o erro oponente e, conseqüentemente, sua perda da posse do instrumento de jogo. O aluno realizando essas relações de maneira intencional dá um salto qualitativo na sua apropriação do jogo. O jogo passa a ser *cada vez mais aquilo* que a equipe cria nele e – conseqüentemente – cada vez menos aquilo que já é dado pelo conjunto de regras. (NASCIMENTO, 2014)

Neste momento apresentaremos algumas variações do jogo dos 10 passes que são relevantes para a ampliação do conhecimento dos alunos sobre *o controle dos espaços* e a *superioridade numérica*. A variação consiste em usar a metade da quadra e fazer círculos em vários locais do campo de jogo. As equipes que terão em média 6 jogadores precisam efetivar 15 passes para marcar um ponto e cada vez que eles receberem os passes dentro do círculo é mais um ponto. A dinâmica de jogo agora está alterada. Os alunos precisam se preocupar de forma diferente de como irão ocupar os espaços. Refletindo não só sobre evitar que a equipe com posse do instrumento de jogo complete os 15 passes, como também, não consiga efetivar os passes dentro dos círculos. Essa alteração transfere o pensamento inicial do aluno que estava apenas no instrumento de jogo e coloca também na ocupação dos espaços. Já os alunos com posse do instrumento de jogo precisam refletir de que maneira irão receber os passes dentro dos círculos, ou seja, a intencionalidade não está somente no completar os passes e sim trocar os passes com o objetivo de chegar em um local específico, o que em outros esportes poderia ser a zona de pontuação, a cesta, o gol entre outros.

Nesta atividade o professor poderá trabalhar com os alunos as dinâmicas de *marcação individual*⁶ e *marcação por zona*⁷, explicando aos alunos e estimulando a conhecerem esses tipos de marcação. Dessa forma, incentiva-se a desenvolverem seus planos de jogo e com a prática, percebendo qual dessas marcações é mais efetiva para ocupação de espaço e posteriormente para recuperação da posse do instrumento de jogo. Outro fator a ser tratado é a importância da desmarcação com o fundamento de finta e a movimentação dos jogadores da equipe com posse do instrumento de jogo, a fim de, oferecer opções de passe para o companheiro que está com a posse do instrumento. Executa-se, assim, a progressão dos passes de maneira mais qualificada, criando linhas de passes ofensivas e triangulações.

Outra alteração de dinâmica do jogo dos *dez passes* para atingir as reflexões acerca do conteúdo da *superioridade numérica* é dividir a meia quadra em quatro outros quadrantes e selecionar jogadores “3x3”. Esses só poderão atuar dentro do seu quadrante. O jogo terá dois coringas que poderão flutuar em todos os quadrantes e não poderão trocar passes entre eles. Essa dinâmica é aconselhada para o momento que o professor tem interesse em tratar as trocas de passe, desmarcação e tipos de marcação, em vista que, de certa forma, os alunos tem um limite de ocupação de espaço e a vantagem numérica se dá pela participação efetiva dos coringas ou as desmarcações com os movimentos de finta. Por outro lado, quem está marcando pode fazer uma marcação individual, evitando que os jogadores tomem posse do instrumento de jogo ou marcando por zona, fechando linhas de passe para outros companheiros ou os coringas.

Sendo assim, as equipes devem construir dois planos bem estruturados de defesa e ataque e fazer essa mudança rapidamente durante a perda ou a conquista do instrumento de jogo. É uma leitura, na qual, pode ser feita relações com *marcação pressão* que acontecem em muitos esportes coletivos, como também, as relações de trocas de passes e a ocupação do campo de jogo. Dessa forma efetiva-se o princípio da *simultaneidade do conteúdo*, como dados da realidade: “[...] os conteúdos de ensino são organizados e apresentados aos alunos de maneira simultânea” Coletivo de Autores (1992, p.32). Isto significa que, quando estamos ensinando um conteúdo comparamos com outros temas que tem ligação com o conteúdo. Trabalhamos visando que o aluno desenvolva generalizações sobre o que está sendo discutido e tenha um

⁶ Também conhecida por “homem a homem”, cada jogador da defesa tem sob sua responsabilidade um adversário predeterminado para marcar. Neste tipo de marcação, o fator principal é o jogador a ser marcado.

⁷ Também conhecida como “por setores”, é realizada considerando os setores do campo. Dividindo o campo em zonas, atribui-se a cada jogador um espaço, de acordo com suas características e a função a ser desempenhada.

olhar abrangente do conteúdo. Quando estamos falando de ocupação de espaço no jogo dos dez passes podemos relacionar a uma infinidade de outros jogos que também tem essa relação essencial geral e discutir as singularidades e aproximações que esses jogos têm uns com os outros.

Construímos, nesse subitem, um pequeno ensaio de indicativos teórico-metodológicos com três sub-conteúdos teóricos que estão no conteúdo de tática e estratégia (EUZÉBIO, 2017), visando a apropriação dos alunos sobre este tema. Há outros conteúdos a serem tratados e de outras formas. Esta é uma delas, que desenvolvemos com o intuito de contribuir com os estudantes e professores da área, acerca das possibilidades, sempre mais amplas, do ensino e do desenvolvimento dos alunos em relação aos conteúdos táticos e estratégicos. É fundamental, como professores de Educação Física, incentivarmos os alunos a pensarem sobre o jogo e as potencialidades presentes nele.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tínhamos como objetivo geral analisar as possibilidades de como se organiza o ensino da tática e da estratégia, numa perspectiva crítico superadora, nos anos finais do ensino fundamental. E como objetivo específico, pretendíamos identificar o conteúdo de tática e estratégia compreendendo formas de tratá-lo nas aulas de Educação Física escolar.

Desenvolvemos uma síntese dos pontos relevantes da concepção crítico superadora para o ensino do jogo coletivo no segundo e terceiro ciclos de escolarização. Durante este trabalho discurremos que na concepção crítico superadora o professor precisa ter uma intencionalidade pedagógica para as suas aulas, problematizando o conteúdo, tratando conhecimento científico e explicações teórico-práticas. Fomenta-se, assim, nos alunos, reflexões sobre o jogo, com o intuito de assimilarem esse conhecimento e posteriormente aplicarem na sua prática de jogo, de forma intencional e criadora, ampliando seus conhecimentos e desenvolvendo funções psicológicas superiores.

Embasados na proposta crítico superadora, por considerarmos que contribui para o desenvolvimento pleno do ser humano, tendo em vista que, esse desenvolvimento ocorre a partir das funções psíquicas superiores na apropriação do conteúdo teórico, utilizamos o ensino da tática e da estratégia nos jogos coletivos através de três sub-conteúdos (conteúdos dos conteúdos) da tática e estratégia (EUZÉBIO, 2017). Apresentamos, de forma breve, indicativos

teórico-metodológicos, problematizando e efetuando variações para os alunos se apropriarem dos conteúdos durante a organização do ensino do jogo coletivo.

Destacamos que esses conteúdos táticos e estratégicos são desenvolvidos simultaneamente nos alunos, assim como, os outros sub-conteúdos que não pudemos dar ênfase neste trabalho. Eles aparecem no jogo com a necessidade dos alunos se apropriarem do jogo a partir das problematizações feitas pelo professor e estão de forma implícita nas aulas.

Identificamos que o ensino dos esportes coletivos nessa perspectiva desenvolve a autonomia do aluno, a partir do trato do conhecimento organizado e sistematizado pelo professor, a fim de que, os alunos percebam e criem ações opostas intencionais para o jogo em questão, fomentando o desenvolvimento do pensamento analítico-sincrético. Dessa forma, conseqüentemente, o aluno adquire um conhecimento mais amplo sobre o jogo, modulando a compreensão das relações de ataque e defesa e propondo um entendimento dos limites e possibilidades das regras, de forma mais avançada, assim como, evoluindo na compreensão do domínio de espaço.

Por fim, evidencia-se a importância de futuros estudos sobre o ensino da tática e da estratégia nas aulas de Educação Física escolar em todos os níveis de ensino, devido à escassez de materiais sobre esse tema. Destacamos que este conteúdo é relevante para a formação integral dos alunos.

REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

EUZÉBIO, Carlos Augusto. **O conteúdo teórico dos conceitos de tática e estratégia no esporte**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187082>. Acesso em: 03 de Maio de 2020.

KRÖGER, Christian.; ROTH, Klaus. **Escola da bola: um abc para iniciantes nos jogos esportivos**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

MAHLO, Friedrich. **O acto tático no jogo**. Lisboa: Compendium, s/d.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. **A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal**. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01102014-105809/pt-br.php>. Acesso em: 25 de Maio de 2020.